

Reflexões sobre as contribuições da Agroecologia para o processo de reforma agrária

Reflections about the contributions derived from Agroecology for the land reform process

BORSATTO, R. S. UFPR, rsborsat@ig.com.br; FONTE, N. N. UFPR, nilce@ufpr.br; FIDELIS, L. M. Instituto Agroecológico, lourivalfidelis@yahoo.com.br; OTTMANN, M. M. Instituto Agroecológico, michellealthaus@hotmail.com

Resumo: Este texto discute como os debates sobre organização dos assentamentos e sobre Agroecologia, que vêm ocorrendo dentro do MST, influenciam na prática a vida de agricultores acampados ou assentados. Verificou-se que ao se (re)valorizar outras dimensões da vida humana, além da econômica, conformaram-se novas relações sociais e do ser humano com a terra. Concluiu-se que a adoção de novas práticas derivadas desses debates pode contribuir para a melhoria efetiva da vida desses agricultores e para o alcance de sua sustentabilidade.

Palavras-chave: agricultura camponesa; MST; acampamentos rurais; organização de assentamentos.

Abstract: This text has the intention of discussing how the debates about settlement organization and Agroecology, occurring inside MST, reflects in the life of the settled and camped farmers. Was possible to realize when other dimension of human life, beyond economic, were (re)valuated, new social relations were conformed. This article concludes the adoption of new practices derived from those debates can contribute to a real improve of the farmers' life conditions and sustainability.

Key words: peasant agriculture; MST; rural camping; settlement organization

Reforma agrária e Agroecologia

A partir de seu IV Congresso Nacional realizado em 2000, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, traz para o centro de seus debates a discussão sobre a “organização dos assentamentos” (MST, 2000). Isto ocorre devido à percepção de que era necessário aprimorar o modelo de assentamento realizado até então, que se caracterizava por priorizar, notadamente durante a implantação, as dimensões ligadas ao trabalho e à produção - constatável pela distribuição de lotes fechados destinados à tutela e exploração exclusiva pela família beneficiada - modelo este que acabava por priorizar os aspectos econômicos da existência e relegava a um segundo plano as outras dimensões da vida.

As conseqüências desta forma de organização levaram as famílias a se isolarem nos seus lotes, reduzindo a convivência e a participação das pessoas na organização da comunidade. Assim, foi colocado em pauta, a necessidade de levar em conta outras dimensões no processo de conformação dos assentamentos rurais, tais como: aspectos sociais, político-organizativos e ambientais, que proporcionassem

espaços de convivência social entre as famílias e influenciassem os valores éticos e morais das pessoas (MST, 2000).

A partir desse debate sobre a “organização dos assentamentos” foram propostas a introdução de práticas sociais que estimulasse novos valores e hábitos. Propôs-se estimular a cooperação seja nos processos produtivos ou na solução dos demais problemas da comunidade. Em relação à destinação da produção, sugeriu-se que esta deveria estar voltada prioritariamente à segurança alimentar da família, garantindo alimentação de qualidade e abundante. Com relação às técnicas produtivas o texto diz:

Deveremos estimular a prática agrícola sem a utilização de insumos externos ao lote, sem a utilização dos agroquímicos. Deveremos ao longo dos anos ir ajustando esta forma de produzir, evitando gastar dinheiro com adubos e venenos, com horas máquina, buscando utilizar mais e melhor a mão de obra disponível e desenvolvendo técnicas adaptadas a nossa realidade, evitando de nos intoxicar e de envenenar a natureza. Deveremos abrir para a criatividade da companheirada, produzindo uma nova matriz tecnológica. (MST, 2000, p. 50-51).

Em diversos estados da federação, o MST acata com convicção as diretrizes discutidas no IV Congresso Nacional, o que propicia que os acampamentos e assentamentos que se formam, a partir desta data, se esforcem em introspectar este novo modo de organização em sua conformação.

Ao se buscar uma nova matriz tecnológica que auxilie neste processo, o MST traz para o centro de seus debates a Agroecologia, que se apresenta como uma ciência capaz de propiciar soluções que contemplem os anseios acima colocados.

Inicia-se no Paraná, a partir de 2002, a Jornada de Agroecologia, que congrega milhares de produtores rurais assentados ou acampados para discutirem Agroecologia e trocaram experiências sobre práticas agroecológicas. O primeiro encontro foi realizado na cidade de Ponta Grossa, com cerca de quatro mil participantes de diferentes organizações e movimentos sociais do campo e continua a ocorrer anualmente com presença maciça de agricultores.

Dentro deste contexto, o objetivo deste trabalho é discutir teoricamente, porém embasado em dados empíricos provenientes dos acampamentos Emiliano Zapata localizado em Ponta Grossa-PR e do acampamento José Lutzemberger localizado em Antonina-PR, ambos vinculados ao MST, as contribuições que a Agroecologia pode

trazer para o estabelecimento de acampamentos e assentamentos rurais. Ao fazer isso, este trabalho levanta e discute quais são as conseqüências da adoção das práticas agroecológicas na luta pelo direito à terra dos agricultores deste acampamento.

As conseqüências da adoção de práticas agroecológicas

Nestes acampamentos estudados por MOREIRA (2007) e BORSATTO (2007), é possível perceber que a incorporação das diretrizes propostas no IV Congresso do MST e das discussões provenientes da Agroecologia, permitem a construção de novas práticas e experiências no campo, que por sua vez, contribuem com subsídios para reposicionar, em um novo patamar, as discussões sobre a relação do ser humano com a terra; para além de uma visão centrada exclusivamente no mercado.

Ao se analisar os dados econômicos destas recentes experiências, conclui-se que estes estão muito aquém do desejado, porém paradoxalmente a organização e a persistência das famílias estudadas nestes acampamentos têm permitido as mesmas uma melhora significativa de suas vidas no que tange à alimentação, à saúde, ao acesso ao trabalho, à educação, tudo isso apesar da precariedade das moradias e de acesso à luz elétrica e água.

Como inferiram BORSATTO *et al.* (2007), ao se buscar a reorganização da moradia, ao se estimular a cooperação nas relações sociais e ao cultivar a terra seguindo preceitos agroecológicos, outras dimensões da vida humana começam a se sobrepor à dimensão econômica. Isto não significa que esta perca importância em termos absolutos, mas sim que as demais são (re)valorizadas.

Deste modo, nestes acampamentos, os agricultores não percebem a terra somente como um meio para a satisfação de suas demandas econômicas, a terra é percebida como o local onde eles vivem e reproduzem-se com suas famílias. Sendo assim, o que condiciona a satisfação pessoal destes agricultores é a somatória de fatores objetivos e subjetivos das diversas dimensões da vida humana, fatores estes que recebem diferentes pesos no decorrer da vida destes agricultores.

Fatores subjetivos foram apontados pelos acampados para explicar a sua satisfação e disposição em enfrentar as adversidades e continuar no campo; pode-se citar a valorização da paisagem que para muitos antes era composta por muros, lixo, esgoto; ou então as relações sociais que antes eram praticamente inexistentes, sejam por receio da violência ou pela falta de tempo na cidade; ou ainda outros fatores como: a melhoria na qualidade da alimentação, o menor estresse, a vida mais saudável, o acesso

ao trabalho e ao lazer. Fatores objetivos também foram citados pelos agricultores, tais como a não necessidade de pagar aluguel, luz, água e boa parte dos alimentos consumidos.

Considerações finais

Por fim, este trabalho infere que as propostas sobre “organização dos assentamentos” debatidos no IV Congresso Nacional do MST e que as práticas agrícolas de base ecológica estimuladas pela Agroecologia têm o potencial de resgatar e aprimorar (utilizando-se dos conhecimentos atuais) a lógica econômica e social da agricultura camponesa (que já demonstrou a sua sustentabilidade histórica), fato que pode propiciar aos acampamentos a resiliência necessária para o enfrentamento do período de luta pela posse da terra e conseqüentemente uma sustentabilidade multidimensional que pode e deve ser continuada quando estes se transformarem em assentamentos rurais.

Referências bibliográficas

- BORSATTO, R. S. Agroecologia como um caminho para o estabelecimento de novas relações mercantis: estudo de caso do acampamento José Lutzenberger. Curitiba, 2007. 48p. Monografia (Especialização em Educação do Campo e Agricultura Familiar Camponesa). Universidade Federal do Paraná.
- BORSATTO, R. S.; BERGAMASCO, S. M. P. P.; MOREIRA, S. S.; FONTE, N. N.; FIDELIS, L. M. Agroecologia e a valorização de novas dimensões no processo de reforma agrária: Estudo de caso do acampamento José Lutzenberger. In: JORNADA DE ESTUDOS EM ASSENTAMENTO RURAIS, 3.,2007, Campinas, SP. Anais... Campinas: FEAGRI/UNICAMP, 2007. 1 CD.
- MOREIRA, S. S. Reconstruir a utopia camponesa: a comunidade Emiliano Zapata e sua re-significação do campo. Curitiba, 2007. 70p. Monografia (Especialização em Educação do Campo e Agricultura Familiar Camponesa). Universidade Federal do Paraná.
- MST – MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Reforma agrária: por um Brasil sem latifúndio: São Paulo: MST, 2000.